

# CHEGAR ATÉ DEUS

*O terceiro movimento: da ilusão à oração*

## CAPÍTULO VII ORAÇÃO E MORTALIDADE

*Uma realidade que é difícil enfrentar*

Embora o isolamento e a hostilidade resultem mais compreensíveis à luz das nossas experiências quotidianas, uma verdadeira vida espiritual se torna possível só desmascarando as ilusões da nossa existência. Para converter o nosso miserável isolamento em pacífica solidão e para criar um espaço acolhedor para os outros, devemos ter a coragem de sair para fora, ultrapassar os limites da nossa frágil e limitada existência e aproximar-se de Deus, origem e fim da nossa vida e do qual tudo depende. Sem este encontro com Deus que nos ama e nos faz ouvir a Sua voz, o silêncio e a solidão seriam espaços vazios, sem vida.

A recolhimento e a hospitalidade poderão dar frutos duradouros só quando estão enraizadas numa realidade mais vasta, mais profunda e mais alta da qual recebem a sua vitalidade. Esta realidade estava pressuposta quando estávamos a descrever os dois primeiros movimentos da vida espiritual. Estes foram tratados antes, não por serem mais importantes, mas porque os reconhecemos com mais facilidade; mas, conseguimos falar deles, fazer uma descrição, precisamente porque afundam as raízes neste movimento mais profundo, da ilusão à oração, do qual vamos falar agora. É por este movimento que nos aproximamos de Deus, do nosso Deus, Aquele que é, o único eternamente real, origem de toda a realidade. Portanto, o movimento da ilusão à oração constitui a base que torna possíveis os dois primeiros movimentos, do isolamento à solidão e da hostilidade à hospitalidade.

Este terceiro movimento constitui o centro da vida espiritual, embora, resulta menos evidente, não porque seja menos real, mas porque é mais difícil de compreender e descrever porque entramos no «mistério de Deus». Na verdade, Deus está bem próximo de cada um de nós, tão

próximo que não conseguimos ter aquela distância necessária para o podermos exprimir e compreender. É, talvez, por esta mesma razão que as realidades mais profundas da existência, tal como a vida espiritual, são, às vezes, tratadas como se fossem banalidades.

Sobre os jornais, as entrevistas que falam dos monges que, no silêncio e na solidão, dedicaram a vida inteira em fervorosa oração porque amavam a Deus de todo o coração, reduzem-se a simples relatos insulsos sobre as mudanças de regras ou de costumes, aparentemente bizarras. Questões profundas sobre o sentido do amor, do matrimónio, do sacerdócio, são reduzidas a balbúcia e a respostas incertas e superficiais. Não porque tais questões não sejam importantes, mas antes porque as respostas são demasiado profundas e íntimas para serem explicadas por simples palavras humanas.

Tudo o que é mais íntimo é também mais difícil de descrever e de explicar. E isto vale não só para os namorados e para os equilibristas, mas também para os orantes. A oração, sendo a expressão duma íntima relação com Deus, é também um tema do qual é difícil falar, embora seja a mais íntima das relações humanas e, frequentemente, considerada como uma atividade supérflua ou supersticiosa. Mesmo assim, não podemos deixar de falar da oração da mesma forma como continuamos a falar do amor, dos amantes, das artes e dos artistas. Porque sem não permanecemos em contacto com o centro da nossa vida espiritual, que chamamos de oração, perdemos o contacto com a nascente da Vida, isto é, do centro vital, onde tudo nasce e desenvolve. Se não entrarmos nestes campos de tensão interior, os movimentos do isolamento à solidão e da hostilidade à hospitalidade perderão rapidamente consistência e profundidade e, em vez, de movimentos essenciais da nossa vida espiritual, não passarão de enfeites, embora, moralmente respeitáveis.

## *2. A ilusão de imortalidade*

O maior obstáculo para o ingresso nesta profunda dimensão espiritual da nossa vida, onde tem lugar a oração, é precisamente a ilusão da imortalidade. Em princípio parecerá improvável ou simplesmente absurdo, que se tenha uma ilusão como esta, visto que, a muitos níveis, estamos perfeitamente conscientes da nossa mortalidade. Quem é que pensa de ser imortal? Mas, os dois primeiros movimentos da vida espiritual nos revelaram que as coisas não são tão simples. Todas as

vezes que procuramos ansiosamente um ser humano que parta as cadeias do nosso isolamento e todas as vezes que levantamos muros de defesas para proteger a nossa vida, como se fosse uma propriedade inalienável, nós estamos encalhados na obstinada ilusão da imortalidade. Embora, conscientemente digamos uns para os outros que somos mortais, que não vivemos eternamente sobre a terra e, que de repente, mas cedo do que imaginamos, chegará a morte, as nossas ações cotidianas, os nossos pensamentos, os nossos interesses continuam a nos revelar quanto nos é difícil aceitar plenamente as nossas declarações de mortalidade.

Acontecimentos insignificantes, aparentemente inocentes, continuam a confirmar-nos com quanta facilidade eternizamos a nós próprios e o nosso mundo. Basta uma palavra hostil para nos deitar na tristeza do isolamento. Basta uma pequena recusa para nos imergir em sentimentos de autocomiseração. Basta um pequeno fracasso naquele mundo que é nosso para cairmos numa depressão destrutiva. Embora, aprendemos pelos pais, pelos mestres, pelos amigos, pelos livros, sagrados e profanos, que o nosso valor supera o que o mundo lhe atribui, contudo, nós continuamos a dar um valor eterno às coisas que possuímos, às pessoas que conhecemos, aos êxitos que recolhemos. Na realidade, basta uma pequena contrariedade para que a ilusão de imortalidade se manifeste e nos revele como nos tornamos vítimas do mundo que nos rodeia, sugerindo-nos que temos nas mãos as rédeas da nossa vida.

A tristeza, o ressentimento, o desânimo e, também, o mais negro desespero, não são porventura intimamente ligados à excessiva seriedade com que consideramos a nós próprios, as pessoas que conhecemos, as ideias em que somos expostos e os acontecimentos que partilhamos? Esta falta de distância que exclui o humorismo da nossa existência pode criar uma sufocante depressão que nos impede de levantar a nossa visão para além dos confins da nossa limitada existência.

### 3. *Sentimentalismo e violência*

Para nos aproximarmos um pouco mais da ilusão da imortalidade, apresentamos os dois sintomas mais visíveis: o sentimentalismo e a violência. São duas formas de comportamento aparentemente diferentes, mas podem ser vistos, na perspectiva da espiritualidade, como ligadas à ilusão da imortalidade.

O sentimentalismo aparece de frequente lá aonde os relacionamentos mais próximos se tornam «mortalmente pesados»: as pessoas agarram-se umas das outras com uma força quase suicida. Todas as vezes que descarregamos sobre os outros as nossas expectativas imortais, a separação, ou ameaça do que esta possa acontecer, podem desencadear sentimentos incontroláveis.

Nos Países Baixos, durante uma marcha anual pela paz, na qual três mil estudantes da escola secundária marcharam juntos e conversaram por três dias, os seus líderes foram alertados sobre o novo sentimentalismo que caracterizava as interações dos participantes. Para aqueles rapazes holandeses, habitualmente muito reservados, o fato de caminhar de mãos dadas estava a tornar-se a experiência mais importante das suas vidas e, na hora das despedidas, viu-se a estação lotada de meninos e meninas que se abraçavam chorando. Nas reflexões que se seguiram depois daquela marcha, alguns rapazes chegar a perguntar-se até se poderiam ter uma outra existência tão feliz após tal experiência de comunhão. Embora, eles se sentissem longe da igreja, que os havia chamado para aquela experiência única de comunidade orgânica, tinha ateadado neles as brasas de sentimentos poderosos e terríveis.

Este fato ilustra como o sentimentalismo possa manifestar-se e alimentar a enganosa expectativa de relacionamentos mais íntimos. A intimidade pode conduzir à depressão e até ao desespero quando nele apresenta a máscara da imortalidade. Se não tivermos a capacidade de olhar para além dos confins da familiaridade humana, ancorando a nossa vida a Deus, que é a nascente de toda a intimidade, será muito difícil libertar-se da ilusão da imortalidade, estando juntos sem afogarmos no pântano do sentimentalismo.

O sentimentalismo, porém, é só um aspeto da ilusão da imortalidade. O outro aspeto é a violência. De fato, não é nada estranho que sentimentalismo e violência se encontrem na mesma pessoa. Hitler ficava comovido até as lágrimas vendo uma criança, ao mesmo tempo,

que mostrava a sua cruel ferocidade para milhares de pessoas, que morreram nos campos de extermínio. A mesma ilusão que em certos casos leva às lágrimas pode conduzir noutros casos à tortura. O seguinte episódio ilustra o que acabamos de dizer em todas as suas consequências.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um bispo luterano, confinado a um campo de concentração nazista, foi torturado por um oficial das SS que queria forçá-lo a confessar. Num quartinho, os dois homens ficaram cara a cara, um infligindo dor o outro de forma cada vez mais atroz. O bispo, que suportou bem a dor, não respondia à tortura. Então, o seu silêncio fez enfurecer de tal forma o oficial, o qual começou a bater na vítima cada vez mais ferozmente até que, no final, explodiu gritando: «Mas não sabes que poderia matar-te?» O bispo olhou o seu carrasco nos olhos e disse lentamente: «sim, faça o que o que quiser – mas eu já estou morto». Naquele momento, o oficial ficou imobilizado e não conseguia mais levantar o braço, perdeu o poder sobre a vítima. Era como se ele tivesse sido paralisado e nunca conseguiu tocá-lo. Os seus atos de crueldade estavam baseados na convenção de que aquele homem se teria apegado à vida como se fosse o bem mais precioso, e que em troca disso, ele teria livremente confessado. Mas, desde que o terreno em que a sua violência se baseava se tinha despedaçado, a tortura tornava-se um ato inútil e ridículo.

Esta fato demonstra que não só o sentimentalismo, mas também a violência são sintomas da ilusão de que a vida nos pertença. As relações humanas facilmente se tornam vítimas de violência e de destruição, quando tratamos a própria vida e vida dos outros como propriedade a ser defendida ou conquistada e não como dons a receber com gratidão. Muitas vezes a semente da violência revela-se mesmo no centro das relações mais íntimas. Os confins entre beijar e morder, acariciar e bater, ouvir e espionar, olhar com ternura e olhar com desconfiança, são realmente muito frágeis. Quando a ilusão oculta da imortalidade começa a predominar, o desejo de ser amado se transforma rapidamente em violência. Quando, pelas nossas necessidades insatisfeitas carregamos os nossos irmãos com expectativas quase divinas, exigindo que nos deem que não nos podem dar, nós os transformamos em ídolos, e nós mesmos em demônios. Quando pretendemos dos outros uma resposta que ultrapasse os limites humanos, caímos na ilusão de

imortalidade, com atitudes e comportamentos que degeneram para os níveis mais baixo do que é humano. Quando se opera sob a ilusão de que o mundo nos pertença, como fosse uma propriedade privada, que ninguém pode nos tirar, as pessoas se tornam uma ameaça para os outros e a intimidade impossível.

Para alcançar uma intimidade verdadeiramente não violenta, se deve desmascarar a ilusão da imortalidade, aceitar plenamente a morte como destino do homem, ultrapassar os limites humanos e aproximar-se de Deus, isto é, entrar na intimidade d’Aquele que nos gerou.

### *A Idolatria dos sonhos*

As ilusões, porém, são mais fortes de quanto podemos imaginar. Embora, durante o tempo em que estamos acordados, podemos dizer que tudo é mortal, transeunte e que nada levaremos connosco, a não ser o amor, e até cultivamos a convicção de que a vida é um dom precioso, durante os sonhos, da noite e do dia, continuamos a criar imagens imortais. Se durante o dia, nos sentimos como crianças pequenas, a nossa mente frustrada é até demais generosa em transforma-nos em grandes heróis durante os sonhos: heróis vitoriosos, admirados, mesmo por aqueles que não nos valorizaram durante a vida – heróis trágicos, reconhecido tarde demais por aqueles que nos criticaram durante a vida. Durante os sonhos é possível tornarmo-nos com o primeiro José, que generosamente perdoa os seus irmãos, ou como o segundo José que, com paternal solicitude socorreu o filho de Israel perseguido naquela terra. Durante os sonhos podemos livremente levantar monumentos em honra do nosso martírio e queimar incenso diante do nosso eu ferido.

As imagens mentais com as quais apagamos os nossos desejos insatisfeitos servem para nos recordar com quanta facilidade nós colocamos um ídolo em lugar do outro. Desmascarar as ilusões durante as vinte e quatro horas do dia é uma tarefa difícil, muito mais difícil de que podemos imaginar.

Seria simplesmente insensato mudar diretamente o endereço dos nossos sonhos ou ficarmos preocupados pelas imagens repentinas que nos invadem durante a noite. Os ídolos dos sonhos, contudo, servem para nos recordar que ainda temos um longo caminho a percorrer antes de chegarmos ao encontro com Deus, não o Deus que criamos com as

nossas mãos e com as nossas mentes, mas o Deus Criador, que nos criou com as suas mãos amorosas. A idolatria, que é adoração dos ídolos mentirosos é uma tentação muito mais forte de quanto podemos desejar de acreditar. Deveremos ter muita fidelidade e muita paciência afim de permitir, não só à nossa vida consciente, mas também à nossa vida inconsciente de se deslocar da ilusão à oração.

São Basílio, pai do monasticismo da Igreja Ortodoxa oriental, que viveu no século IV, disse muito claramente que os sonhos não podem ser eliminados da vida espiritual. Quando lhe perguntaram: «Quais são as origens das fantasias das fastiosas fantasias noturnas?» ele respondeu: «surgem pelos movimentos desordenados da alma durante o dia», isto é, quando estamos acordados. Porém, quando o homem se concentra na presença de Deus e na Sua Vontade, purifica a sua mente, fixando constantemente a atenção para as coisas boas e para aquelas que agradam a Deus, então os seus sonhos serão cheios dessas coisas e não de outras»

Mesmo que as ilusões dos sonhos não possam ser diretamente orientadas para a direção desejada, a nossa vocação é, na realidade, aquela de nos aproximarmos de Deus, não só durante o dia, mas também durante o sono. Com paciência e constância devemos desmascarar lentamente a ilusão da imortalidade, dispersando também as imagens ilusórias criadas das nossas mentes frustradas, estendendo os braços para as profundezas dos mares e para os céus excelsos, numa oração constante. Com o movimento da ilusão à oração deslocamos a nossa atenção dos refúgios defensivos até a morada de Deus.

### *As perguntas difíceis*

Tudi isto conz-nos a coloca-nos perguntas difíceis: é possível aproximar-nos até Deus, do nosso Deus? É possível tornar-se íntimos com Deus? Seremos nós capazes de desenvolver uma relação amorosa com Ele, que transcende toda a nossa compreensão? O movimento da ilusão à oração é algo mais do que um movimento para uma indefinida obscuridade?

Estas perguntas não são inteiramente novas. Eram questões que já existiam quando traçamos os primeiros contornos de uma vida

espiritual. Aproximarmo-nos do nosso «eu» mais íntimo não era apenas um aproximar-se um pouco mais de nós próprios, para compreendermos melhor a nossa complexidade interior. Não. Isto era já uma aproximação até ao centro onde se pudesse realizar o encontro com o nosso ser mais íntimo, mais, até Àquele que fala ao centro da nossa solidão. Aproximar-se aos desconhecidos não era apenas uma aproximação atrás de uma longa fila de pessoas, obviamente necessitadas - de alimento, vestuário, e muitas outras necessidades - mas também uma aproximação aos estranhos até recebermos as promessas que eles nos trazem. Tudo o que dissemos sobre a solidão e a hospitalidade aponta para alguém maior de tudo o que podemos pensar e abarcar, alguém mais profundo do que aquilo que os nossos corações conseguem sentir e mais vasto do que os nossos braços conseguem abraçar, Alguém sob cujas asas podemos encontrar refúgio (Sl 91) e em cujo amor podemos descansar, alguém a quem chamamos «nosso Deus».

Embora, as questões acerca da nossa relação com Deus, o nosso Deus, não sejam inteiramente novas, são agora colocadas com mais franqueza, mais frontalidade e mais drasticamente. Até certo ponto todos sabemos que o recolhimento e a hospitalidade são coisas boas pelas quais vale a pena lutar e refletir. De fato, contêm valores humanos tão óbvios que poucas pessoas ousarão negar. Valores que produzem uma existência madura, sobretudo quando são mantidos em equilíbrio.

Mas, o que dizer da oração? A pretensão de que a oração como intimidade amorosa com Deus seja o terreno onde afundam as raízes o recolhimento e a hospitalidade, pode parecer uma afirmação embaraçosa. Não é verdade que grande parte das vezes usamos a palavra «oração» é para quando atingimos os limites do nosso ser humano? A palavra oração não indica porventura mais a nossa impotência do que o contato criativo com a fonte da vida?

É importante afirmar que todos estes sentimentos, experiências, questões e até mesmo a irritação, sobre oração são reais e resultam, muitas vezes, de acontecimentos concretos e dolorosos. No entanto, uma vida espiritual sem oração é como um Evangelho sem Cristo. Em vez de fornecer provas ou defender alguma coisa, talvez seria melhor reunir simplesmente todas as questões, dúvidas, ansiedades numa só pergunta: «se a oração, entendida como uma relação íntima com Deus, é a relação que está na base de todos os relacionamentos - conosco



mesmo e com os outros - como é poderemos aprender a orar e fazer da oração o centro da nossa existência? Uma vez que colocamos esta questão, como será possível experimentar a importância da oração na nossa vida e na vida de todas as pessoas que encontramos, através de encontros pessoais ou através da história de cada um ou nos livros.

### *O paradoxo da oração*

O paradoxo da oração é que é necessário aprender a orar, quando a oração só pode ser recebida como um dom. Este paradoxo esclarece porque a oração está sujeita a muitas definições aparentemente contraditórias.

Os grandes santos da história e os guias espirituais afirmam que se deve aprender a orar porque a oração é o nosso primeiro dever, além de ser a nossa mais sublime vocação. Existem bibliotecas inteiras que falam das diversas formas de oração. Homens e mulheres de todos os tempos e lugares tentaram explicar a oração, distinguindo nela várias formas e níveis de oração. A partir das suas próprias experiências pessoais, incitaram os leitores a seguirem os seus mesmos caminhos. Eles nos recordam, vezes sem fim, a exortação de São Paulo: «Orai sem cessar» (1Ts 5, 17) e, muitas vezes, fornecem instruções elaboradas sobre como instaurar uma relação íntima com Deus. Existem, também, diferentes «escolas de oração». E não ficamos surpreendidos que existam argumentos a favor de uma ou de outra escola.

Uma dessas escolas ou tradição é o Hesicasmo (do grego *Hesychia* = repouso). Teófano o Recluso, um hesicasta russo do século XIX representa um bom exemplo de instrução sobre como orar, de fato, ele escreve:

É necessário ter uma regra para estar sempre com o Senhor: faz descer com a tua mente no coração e lá permanece e não deixar vagar os teus pensamentos; todas as vezes que se extraviarem traze-os de volta para casa, no sacrário do teu coração e deleita-te na conversação com o Senhor.

Não há dúvida que Teófano, e com ele todos os grandes escritores espirituais, considerassem essencial ter uma severa disciplina para chegar a uma íntima relação com Deus. Para eles, não podemos flar da oração sem um esforço pessoal contínuo e árduo. Alguns escritores espirituais descreveram os seus esforços na oração com detalhados

coloridos e concretos que, muitas vezes deixam os leitores com a falsa impressão de que seria possível atingir qualquer nível de oração apenas através dum duro trabalho e de uma austera perseverança. Esta impressão acabou por criar muitas desilusões, porque muitas pessoas, após muitos anos de heroica dedicação à oração, acabaram por encontrar-se ainda mais longe de Deus do que no começo.

Contudo, os santos e os guias espirituais que falam da disciplina da oração, continuam a recordar-nos que a oração é dom de Deus. Eles próprios dizem que não podemos orar sozinhos, mas é o Espírito de Deus que ora em nós. São Paulo di-lo claramente: Ninguém pode dizer que Jesus é Senhor, senão pela ação do Espírito Santo (cf. 1Cor 12, 3). Não podemos forçar a Deus a uma relação, mas é o próprio Deus que vem de por sua iniciativa; não existe nenhuma disciplina, nenhum esforço ou prática ascética que O possam aproximar. Todos os místicos são unânimes em afirmar que a oração é «graça», um dom livre e gratuito de Deus, ao qual só podemos responder com gratidão. Mas, também, se apressam em afirmar que este dom precioso está sempre ao nosso alcance. Em Jesus Cristo, Deus entrou na nossa existência da forma mais íntima, para que nós pudéssemos entrar na Sua vida através do Espírito. Este é o significado da grande mensagem que Jesus dirigiu aos apóstolos na noite antes da Sua morte: *«Em verdade, digo-vos: é melhor para vós que Eu vá, pois, se eu não for, não virá a vós o Paráclito [= o Espírito]; mas, se eu for, Eu vo-lo enviarei»* (Jo 16, 7). Em Jesus, Deus tornou-se um de nós para nos conduzir, através Dele, à intimidade da Sua vida divina. Jesus veio até nós para se tornar um de nós, e nos deixou para permitir que nos tornássemos como Ele é. Com o dom do Seu Espírito, o seu sopro, Ele se aproximou ainda mais de nós, tornou-se mais íntimo do que nós próprios. Por este «sopro» de Deus, nós podemos clamar «Abbá, Pai». Pelo Espírito tomamos parte da relação misteriosa entre Pai e Filho. Portanto, orar no Espírito de Jesus Cristo significa participar na vida íntima do próprio Deus.

Thomas Merton escreve: A união do cristão com Cristo [...] é uma união mística na qual o próprio Cristo se torna a fonte e a origem da vida em mim. O próprio Cristo [...] «respira» em mim, divinamente, ao dar-me o Seu Espírito.

Provavelmente não há outra imagem que exprima melhor a intimidade com Deus na oração do que o sopro de Deus. Nós somos como pessoas asmáticas que são curadas da sua ansiedade. O Espírito libertou-nos da

nossa insuficiência (em latim, ansiedade é *angustia* = pequenez, insuficiência) e renovou tudo em nós. Nós recebemos um novo respiro (sopro), uma nova liberdade, uma nova vida. Esta vida nova é a vida divina do próprio Deus. A oração é, por isso, a respiração de Deus em nós, pela qual participamos na intimidade da vida divina, nascendo para uma vida nova.

Portanto, o paradoxo da oração é que requer um esforço sério e constante, enquanto, só a podemos receber como um dom. Não podemos manipular a Deus e, sem uma atenta disciplina, nunca o poderemos receber. A oração, como encontro com Deus, obriga-nos a olhar para além das nossas capacidades humanas. Quanto mais seremos capazes de dissipar a ilusão de imortalidade, tornando-nos plenamente conscientes da nossa fragilidade, tanto mais seremos livres de nos aproximarmos de Deus, o nosso Criador e recriador da nossa vida, respondendo aos Seus dons com gratidão.

A oração é considerada, muitas vezes, uma fraqueza, um sistema de apoio para quando não conseguimos ajudar-nos sozinhos. Mas isto só é verdade quando o Deus das nossas orações é criado à nossa imagem e adaptado às nossas próprias necessidades e interesses. A oração, em vez, é um aproximar-se a Deus, não segundo às nossas condições, mas às condições que Ele põe. É um encontro que nos liberta das preocupações, nos encoraja a deixarmos as nossas seguranças e nos desafia a entrar num mundo novo, tão amplo, que não cabe dentro dos estreitos limites do nosso espírito e do nosso coração. A oração é, assim, uma grande aventura, porque o Deus, com quem entramos em relação, é maior do que nós e desafia todos os nossos cálculos e previsões. O movimento da ilusão à oração é árduo porque nos conduz a deixar de lado as falsas certezas e a abraçar as verdadeiras incertezas; de um fácil suporte de vida a uma rendição arriscada, e dos falsos «deuses» seguros e limitados, ao verdadeiro Deus, que nos desafia a um amor sem limites.

### *A ausência e a presença de Deus*

Deus está «além», além do nosso coração e da nossa mente, além dos nossos sentidos e dos nossos pensamentos, além das nossas expectativas e desejos, e além dos eventos e das experiências que constituem a nossa vida, mas, Ele está no centro de tudo isso. Aqui entramos no centro da oração porque se torna claro que não existe alguma distinção entre presença e ausência de Deus. Na oração, a

presença de Deus não está separada da Sua ausência e a Sua ausência não está separada da sua presença. A presença de Deus ultrapassa de tal forma a experiência humana de proximidade que facilmente a confundimos com sua ausência. A sua ausência, às vezes, se faz sentir com tanta intensidade que conduz a uma nova sensação da Sua presença. Isto está intensamente expresso no Salmo 22, 1-6:

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste,  
rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro?  
Meu Deus, clamo por ti durante o dia e não me respondes;  
durante a noite, e no tenho sossego.  
Tu, porém, és o Santo e habitas na glória de Israel.  
Em ti confiaram os nossos pais;  
confiaram e Tu os libertaste.  
A ti clamaram e foram salvos;  
confiaram em ti e não foram confundidos.

Esta oração não é apenas expressão da experiência do povo de Israel, mas também o ponto mais alto da experiência cristã. Quando Jesus gritou estas palavras no alto da cruz, a solidão total e uma aceitação absoluta tocaram-se. Naquele momento tudo foi cumprido, naquela hora de trevas brilhou uma nova luz. Enquanto se testemunhava a morte se afirmava a vida. Onde era gritante a ausência de Deus se revelava profundamente a Sua presença.

Naquele hora em que o próprio Deus, na sua humanidade, participou da nossa mais dolorosa experiência da ausência de Deus, Ele estava presente diante de nós. É neste mistério que entramos quando oramos. A intimidade com Deus, na nossa existência terrena, será sempre uma intimidade que transcende a intimidade humana, por isso, é vivida numa espera fiel Daquele que veio e que está para vir. Embora em momentos excepcionais nos sintamos esmagados por uma sensação profunda da presença de Deus no centro da nossa solidão, no centro do espaço que nós criamos para os outros, grande parte das vezes ficamos com a dolorosa sensação de vazio e experimentamos a presença de Deus como o Deus ausente.

A autora Francesa Simone Weil escreveu nos seus apontamentos: «*Esperar pacientemente na expectativa é o fundamento da vida espiritual*». Com estas palavras ela exprime intensamente como a ausência e a presença nunca estão separadas quando nos aproximamos

de Deus em oração. A vida espiritual é, em primeiro lugar, uma espera paciente, sofrida (*patior* = sofrer), onde as inúmeras experiências insatisfeitas nos recordam a ausência de Deus. Mas esta espera paciente nos permite reconhecer os primeiros sinais da vinda de Deus ao centro das nossas dores. O mistério da presença de Deus só pode ser “tocado” por uma profunda consciência da sua ausência. É no centro do nosso anelo pelo Deus ausente podemos descobrir as Suas pegadas e percebemos que o nosso desejo de amar a Deus brota do amor com que Ele nos tocou. Na espera paciente pelo amado, descobrimos quanto Ele já encheu as nossas vidas. Tal como o amor de uma mãe pelo seu filho aumenta quando o filho está longe, assim, o filho aprende a apreciar melhor os seus pais quando sai de casa. Da mesma forma, aqueles que se amam se revelam um ao outro durante os longos períodos de ausência, assim a nossa relação íntima com Deus se aprofunda e amadurece através da experiência purificadora da Sua ausência. Quando escutarmos o nosso desejo também percebemos que Deus o criou, porque, no centro da nossa solidão, sentimos que fomos tocados por mãos amorosas. Quando damos atenção o nosso infinito desejo de amar, percebemos cada vez mais que só podemos amar porque fomos amados primeiro, e que podemos oferecer intimidade porque fomos renovados pela intimidade interior do próprio Deus.

Nestes tempos violentos, em que predomina a destruição da vida é as feridas da humanidade são tão visíveis, é muito difícil tolerar a experiência de Deus como uma ausência purificadora, mantendo o coração aberto para Le preparar o caminho com paciente e reverente espera. Somo tentados, em vez, de agarrar soluções rápidas em lugar sem tomarmos a sério a validade das nossas perguntas. A nossa tendência para aceitar qualquer sugestão que prometa uma cura rápida é tão grande que não nos surpreende como muitas experiências espirituais surjam por todos os lados como cogumelos e sejam cabalmente exploradas como artigos comerciais. Muitas pessoas acorrem ao redor de lugares ou de pessoas que prometem intensas experiências de fraternidade, emoções catárticas de exaltação e doçura, e sensações libertadoras de êxtase e arrebatamento. Na nossa desesperada necessidade de satisfação e a inquieta procura de uma experiência de intimidade divina, faz que estejamos virados para construir cada um os seus próprios acontecimentos espirituais. A nossa cultura impaciente tornou-se de facto muito difícil entrever a salvação numa paciente espera.

No entanto, o Deus que salva não é fabricado por mãos humanas. Transcende as nossas distinções psicológicas entre «já» e «ainda não», entre ausência e presença, entre partir e regressar. Só numa espera paciente, cheia de expectativa, podemos vencer as nossas ilusões e rezar como o salmista rezou:

Ó Deus, Tu és o meu Deus! Anseio por ti!  
A minha alma tem sede de ti;  
todo o meu ser anda por ti,  
como terra árida, exausta e sem água.  
Quero contemplar-te no santuário,  
para ver o teu poder e a tua glória.  
O teu amor vale mais do que a vida;  
por isso, os meus lábios te hão-de louvar.  
Quero bendizer-te toda a minha vida  
e em teu louvor levantar as minhas mãos.  
A minha alma será saciada com deliciosos manjares  
com vozes de júbilo te louvarei.  
Lembro-me de ti no meu leito,  
penso em ti, se fico acordado,  
porque Tu és o meu auxílio,  
e à sombra das tuas asas eu exulto.  
A minha alma está unida a ti,  
a tua mão direita me sustenta. (*Salmo 63 1-9*)

### *Transformando o protesto em oração*

Quando somos capazes de desmascarar e vencer as nossas ilusões de imortalidade teremos a capacidade de criar dentro de nós um espaço aberto e levantar os nossos braços para Deus, que transcende todas as nossas expectativas, sonhos e desejos. Provavelmente, nunca estaremos completamente livres das nossas ilusões, tal como nunca estaremos completamente livres da solidão e da hostilidade. Contudo, quando reconhecemos as nossas ilusões como tais, reconhecemos também os primeiros contornos da oração. A nossa vida interior oscila continuamente entre os dois polos da ilusão e da oração. Nos momentos em que estamos de tal forma absorvidos pelo nosso trabalho que a palavra «oração» só produz irritação. Noutros momentos a oração flui com facilidade e se torna fonte de vida. Habitualmente, porém, nos

movemos nesta indecisão; rezamos, enquanto estamos agarrados, pelo menos, com uma mão, às nossas queridas coisas, apenas vagamente conscientes da sua natureza ilusória.

Outras vezes, todavia, somos forçados a despertar deste estado letárgico, quando, perante a crise de uma guerra, a pobreza inesperada, uma doença ou a morte, nos confrontam com os «absurdos da vida». Então não podemos continuar na neutralidade, somos solicitados a uma resposta. Muitas vezes, a nossa primeira e mais visível resposta é um protesto, que irrompe da nossa desorientação. É nestes momentos cruciais da nossa existência que somos novamente postos diante das nossas ilusões e solicitados a transformar o nosso protesto em oração. É uma tarefa muito árdua, mas uma tarefa que não nos afasta da realidade, mas que nos aproxima dela.

Há pouco tempo, um estudante que tinha acabado os seus longos estudos de preparação para o sacerdócio, e estava pronto para iniciar o seu trabalho numa paróquia, morreu de repente após uma queda fatal da sua bicicleta. Os que o conheciam sentiram uma grande revolta interior um protesto raivoso invadia os seus corações. Porque ele, um jovem tão generoso, que poderia ter feito tanto por tanta gente? Porque agora, depois de uma tão longa formação, quando começava a dar fruto? Porquê desta maneira, tão improvisada e inglória? Não havia resposta a todas estas perguntas razoáveis. Um furioso e sentido protesto parecia a única resposta humana.

Mas este protesto é simplesmente a continuação da nossa ilusão de imortalidade, da nossa pretensão de sabermos tudo sobre a vida, de a governarmos e determinarmos os seus valores e os seus objetivos. Mas isto é o que se não pode fazer. Não é verdade, somos desafiados a transformar o nosso protesto contra os absurdos da existência humana numa oração, que nos eleve para cima dos limites da nossa existência, até Àquele que detém a nossa vida nas suas mãos e no seu coração, com um amor e uma misericórdia sem fronteiras. Nas nossas tentativas para aceitar este desafio, é sensato repetirmos para nós mesmos as palavras do salmista:

Homens, até quando desprezareis a minha glória?  
Porque amais a ilusão e buscais a mentira?  
Sabei que o Senhor faz maravilhas pelo seu amigo  
e há-de escutar-me quando o invocar. (*Salmo 4, 2-3*)





## CAPÍTULO VIII

### A ORAÇÃO DO CORAÇÃO

#### *A busca do caminho certo*

Tal como existem várias formas de hospitalidade, também existem muitas maneiras de rezar. Quando encaramos a oração com seriedade e deixamos de a considerar uma das muitas atividades humanas, mas, como a atitude receptiva fundamental, que faz parte da nossa vida e, da qual, tudo recebe nova vitalidade, acabaremos, mais cedo ou mais tarde, por deparar com a seguinte questão: «Qual é o meu caminho de oração, qual é a oração do meu coração?»

Tal como um artista procura o seu próprio estilo, assim os orantes buscam a oração que brota do seu coração. O que é mais profundo na vida, e, portanto, mais querido, precisa sempre de uma adequada proteção e de uma forma particular de expressão. Não nos surpreende o fato de que a oração seja muitas vezes rodeada por gestos e palavras cuidadosamente estabelecidos, por rituais pormenorizados e cerimônias elaboradas.

Uma visita a um mosteiro trapista pode ajudar-nos a compreender como é que aqueles que se libertaram de tudo para dedicar-se exclusivamente à oração devem sujeitar-se a uma disciplina austera. O monge vive toda a sua vida, dia e noite, em obediência à regra de São Bento, a regra sagrada. Regra que é salvaguardada e interpretada com a maior atenção e discricção pelo Abade, o pai espiritual da comunidade. A regra sagrada é para a vida de oração de um monge trapista como um engaste de ouro para uma pedra preciosa. A regra põe em evidência a beleza da oração e permite de a saborear plenamente. Descuidar da regra significa descuidar da oração. O monge que quer fazer da sua vida inteira uma oração contínua, sabe que isso só será possível no contexto de uma regra cotidiana muito concreta que o sustenta na realização do seu objetivo. Assim, descobrimos que num mosteiro trapista a celebração da Eucaristia, a salmodia comunitária, a meditação individual, o estudo e o trabalho manual, o comer e o beber, estão sujeitos a regulamentos estritos e a uma observância escrupulosa. Quem quer que participe nessa vida, nem que seja só por uns dias, pode sentir o grande mistério da oração que permanece oculto, bem

como visível, no ritmo intenso do dia contemplativo.

Esta pequena excursão num mosteiro trapista ajuda-nos a perceber que ninguém, que pretenda viver seriamente uma vida de oração, poderá perseverar nesse seu desejo e realizá-lo, de alguma forma, sem entrar num percurso concreto. Poderá, ao longo do caminho, fazer inúmeras e necessárias alterações de rumo, poderá até explorar novos caminhos, mas ter um percurso concreto a seguir não se chega a lado nenhum.

Para encontrar a resposta à pergunta pessoal: «Qual é a oração do meu coração?» devemos, em primeiro lugar, descobrir como chegar a esta oração tão pessoal, individualizada. Onde iremos procurar, o que fazer e a quem recorrer? A questão da oração do coração é, de facto, a nossa vocação mais pessoal.

### *Palavras, silêncio e um guia*

Parece possível estabelecer algumas diretrizes. Uma observação cuidada das vidas de pessoas para quem a oração foi de facto «a única coisa necessária» (cf. Lc 10, 42) mostra que são sempre observadas três «regras»: uma leitura contemplativa da Palavra de Deus, uma escuta silenciosa da voz de Deus e uma obediência confiante a um guia espiritual. Sem a Bíblia, sem tempo de silêncio e sem alguém que nos guie, será difícil descobrirmos o nosso caminho para Deus, é praticamente impossível.

Em primeiro lugar, precisamos de dar uma profunda atenção à Palavra de Deus, conforme escrita na Sagrada Escritura. Santo Agostinho foi convertido quando respondeu à palavra de uma criança que disse: «toma e lê, toma e lê». Quando ele pegou na Bíblia e começou a ler na primeira página em que a abriu, sentiu que aquelas palavras que estava a ler lhe eram inteiramente dirigidas.

Ler a Sagrada Escritura é a primeira coisa a fazer para nos abirmos ao chamamento de Deus. O que não é tão simples como parece, num mundo académico que tem a tendência a analisar e discutir tudo. A Palavra de Deus, em vez, deve conduzir-nos à contemplação e à meditação. As palavras que lemos são palavras que nos são diretamente dirigidas e ligadas à nossa história mais pessoal. Por isso não devem ser vistas como potenciais tópicos de conversação, mas sim, como água que penetra nos cantos mais recônditos do nosso coração, onde nenhuma outra palavra chegou, ou como uma semente que dá fruto quando é

semeada em boa terra (Mt 13, 23).

Em segundo lugar, precisamos algum de tempo de silêncio na presença de Deus. Embora, queiramos fazer de todo o nosso tempo, tempo de Deus, nunca chegaremos à oração se não reservarmos um minuto, uma hora, uma manhã, um dia, uma semana, um mês, ou seja, um tempo reservado a Deus e só a Ele. Isto requer muita disciplina, porque nos parece que temos alguma coisa mais urgente a fazer do que «estar ali sentado» ou «sem fazer nada». Na verdade, este «estar sentado, sem fazer nada» na presença de Deus faz parte essencial de qualquer oração. No início, é frequente ouvirmos a nossa voz interior rebelde que fala mais alto do que a voz de Deus, o que, por vezes, é muito difícil de tolerar. Mas, aos poucos, lentamente, muito lentamente, começamos a descobrir que o tempo de silêncio nos dá serenidade e aprofunda a consciência de nós mesmos e de Deus. Então, em breve, começaremos a sentir falta destes momentos e, quando somos privados deles e, antes de nos apercebermos, desenvolveu-se em nós um ímpeto que nos impulsiona cada vez mais para o silêncio e cada vez mais próximo desse ponto sereno onde Deus nos fala.

A leitura contemplativa da Sagrada Escritura na presença de Deus conduz-nos ao silêncio; e o silêncio torna-nos atentos à Palavra de Deus, que ultrapassando a espessura da verbosidade humana chega até ao centro silencioso do nosso coração. O silêncio abre em nós o espaço onde a Palavra pode ser escutada. Sem ler a Palavra, o silêncio banaliza-se e sem o silêncio a Palavra perde o seu poder nos re-criar. A Palavra conduz ao silêncio e o silêncio à Palavra. A Palavra nasceu do silêncio, e o silêncio é a resposta mais profunda à Palavra.

Mas tanto a Palavra como o silêncio requerem orientação. Como é que sabemos que não nos estamos a iludir? Que não estamos a seleccionar as palavras que melhor se adaptam às nossas paixões? E que não estamos apenas a escutar a voz da nossa imaginação? Muitos citaram a Escritura e muitos escutaram vozes e tiveram visões no silêncio, mas só alguns descobriram o seu próprio caminho para Deus. Quem pode ser juiz em causa própria? Quem pode determinar se os seus sentimentos e discernimentos estão a conduzir na direção certa?

O nosso Deus é maior do que o nosso coração e do nosso espírito, e somos facilmente tentados a transformar a vontade de Deus nos desejos do nosso coração e nas especulações do nosso espírito. Por conseguinte, precisamos de um guia, de um diretor, de um conselheiro que nos ajude

a distinguir entre a voz de Deus e todas as outras vozes provenientes da nossa confusão ou dos poderes obscuros que não controlamos. Precisamos de alguém que nos encoraje quando queremos desistir de tudo e cair no desespero. Precisamos de alguém que nos desanime quando nos estamos na direção certa, por caminhos demasiado incertos e obscuros ou nos precipitamos orgulhosos num alvo nebuloso. Precisamos de alguém que nos sugira quando ler e quando ficar em silêncio, em quais palavras refletir e o que fazer quando o silêncio cria muito medo e pouca paz.

A primeira e quase imediata reação à ideia de um guia espiritual é: «É difícil encontrar guias espirituais». Talvez seja verdade, mas só em parte. A razão da falta de guias espirituais, é que nós próprios não apelamos aos nossos irmãos para os convidarem a tornar-se os nossos orientadores espirituais. Se não houvesse estudantes constantemente necessitados de bons professores não haveria bons professores. O mesmo se passa com os guias espirituais. Existem muitos, homens e mulheres, dotados de grande sensibilidade espiritual, cujos talentos continuam adormecidos porque ninguém recorre a eles. Muitos se tornariam, de facto, sábios e santos em atenção a nós se os convidássemos a ajudar-nos a descobrir a oração do nosso coração. Um diretor espiritual não precisa de ser necessariamente mais inteligente ou mais experiente do que nós. É importante que ele ou ela aceite o nosso convite para nos conduzir mais próximo de Deus e penetre conosco na Sagrada Escritura e no silêncio onde Deus nos fala a ambos. Quando quisermos viver uma verdadeira vida de oração e perguntarmos seriamente a nós mesmos qual poderá ser a oração do nosso coração, seremos também capazes de experimentar o tipo de orientação de que carecemos e descobriremos que há alguém à espera de ser convidado. Descobriremos muitas vezes que aqueles a quem recorreremos receberão, de facto, o dom de nos ajudarem e crescerão conosco em direção à oração.

Assim, a Bíblia, o silêncio e um diretor espiritual são três guias importantes na busca do nosso caminho exclusivamente pessoal para entrar numa relação íntima com Deus. Quando contemplamos continuamente a Escritura, nos sentamos algum tempo em silêncio na presença de Deus e estamos dispostos a submeter as nossas experiências com palavra e silêncio ao nosso guia espiritual, podemos impedir que novas ilusões apareçam e abrir o caminho à oração do nosso coração.

### *A sabedoria da história*

Embora, todos os cristãos que desejam aproximar-se de Deus com perseverança fiel, procurem, a determinada altura da sua vida, alguém que possa ser o seu guia; mas a orientação espiritual não se limita à relação pessoal. A sabedoria espiritual de muitos cristãos, que ao longo da história dedicaram as suas vidas à oração, está guardada nas diferentes tradições que representando formas diferentes de viver e que, ainda hoje existem. Na realidade, os principais guias espirituais se distinguem pela forma peculiar de oração e pela maneira de falar de Deus que formam, por assim dizer, um ambiente espiritual particular. Cada um destes ambientes acentua um aspeto diferente. Um ressalta o silêncio, outro, o estudo das Escrituras; outro ainda, a meditação individual ou a adoração comunitária; há quem acentue a pobreza e quem a obediência; outros sugerem as grandes experiências místicas e outros, uma vida humilde. A ênfase de cada corrente espiritual depende do tempo em que começa, da personalidade e da inspiração do homem ou da mulher que responderam às necessidades particulares do seu tempo.

O facto de estas espiritualidades estarem maioritariamente relacionadas com personalidades históricas influentes e muito conhecidas ajuda-nos a usá-las como verdadeiros guias na busca do nosso caminho pessoal. Bento, Francisco, Domingos, Inácio de Loiola, Teresa de Ávila, Jacob Boheme, Francisco de Sales, George Fox, John Wesley, Henry Martyn, John Henry Newman, Siren Kierkegaard, Charles de Foucauid, Dag Hammarskold, Martin Luther King, Thomas Merton e muitos, muitos outros, oferecem-nos nos seus livros e nas vidas dos seus discípulos e estudantes fiéis, um esboço de referência e um ponto de orientação que ajudam as nossas tentativas de descobrir a oração do nosso coração.

Lembro-me que, certo dia, ter encontrado um homem muito tímido e introvertido. Embora fosse muito inteligente, parecia que o mundo era grande demais para ele. Qualquer sugestão para que ele fizesse qualquer coisa marcante ou especial assustava-o. Para ele, a vida anónima, a vivência conscienciosa das pequenas realidades da vida diária era o modo de orar. Quando falava de Santa Teresinha de Lisieux, sua guia espiritual, os seus olhos brilhavam e ficava felicíssimo. Mas o seu vizinho mais impulsivo necessitava do exemplo de Santo António do Deserto ou de São Bernardo e de

outros grandes atletas espirituais para o auxiliar na procura de uma vida espiritual autêntica.

Sem guias que sejam inspiradores, é muito difícil mantermos a fidelidade na procura do nosso caminho espiritual. Trata-se de uma procura penosa, e muitas vezes solitária, por isso, precisamos de apoio e conforto para continuar. Os grandes santos viveram uma profunda experiência espiritual ou mística, contudo, não pedem que os imitemos. A sua caminhada foi única e não pode ser repetida, contudo, lançam um convite e oferecem um espaço hospitaleiro para que cada um persevere a nossa própria busca. Alguns deles atraem-nos, outros não, outros incomodam-nos e nos levam a perder o entusiasmo; outros até nos irritam, mas entre eles, é possível que encontremos algum que fala a linguagem do nosso coração e nos encoraje a seguir para frente. Podemos dizer que os santos são os nossos guias, mas não para serem imitados, mas para ajudarem à nossa procura e para vivermos com autenticidade a nossa vida de fé, como eles a viveram. Quando descobrimos esses guias temos todos os motivos para nos sentirmos gratos e melhores razões ainda para escutar com toda a atenção o que têm para nos dizer.

### *O caminho de um peregrino*

Entre as inúmeras espiritualidades, estilos de oração e caminhos para Deus, existe uma maneira relativamente desconhecida, mas que pode revestir-se de alguma relevância no nosso ambiente espiritual contemporâneo. Trata-se da espiritualidade hesicasta, uma das tradições espirituais mais antigas da Igreja Ortodoxa Oriental. Uma espiritualidade que despertou um interesse renovado também no Ocidente, sobretudo, através da publicação de uma edição inglesa do livro, *“Contos de um peregrino russo”*. Por isso, em vez de fornecer descrições curtas de diversos caminhos espirituais, parece-nos mais importante apresentar com algum pormenor um único caminho: o caminho dos hesicastas, que possui um carácter muito atual.

Cada um é chamado a procurar com empenho e perseverança a sua oração pessoal, aquela oração que chamamos de oração do coração, isto é, uma oração propriamente nossa, uma oração que representa o nosso caminho para chegar a Deus. O hesicismo está centrado precisamente na oração do coração e fornece diretrizes explícitas muito concretas para se realizar.

O hesicasmo (do vocábulo Grego *hēychia* = repouso, contemplação, «quiete») é uma tradição espiritual, que encontra os seus primórdios no século V. Representa uma espiritualidade desenvolvida nos mosteiros do Monte Sinai e do Monte Atos. Contribuiu pelo renovamento espiritual do século XIX na Rússia, e está a ser gradualmente descoberta no Ocidente como uma das mais valiosas «escolas» de oração. O hesicasmo encontra a sua expressão mais profunda na oração de Jesus, que consiste nestas poucas palavras: «*Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim*». Estas poucas palavras, ao longo dos séculos, construíram a vida espiritual de muitos homens e mulheres que, por meio desta única oração, conseguiram penetrar nos mistérios mais profundos do conhecimento cristão.

A riqueza do hesicasmo encontra uma expressão simples e profunda na extraordinária história do agricultor russo anónimo que, vagueando pelo seu país sem fim, descobriu a riqueza, a paz e a alegria íntima da alma através da oração de Jesus. O peregrino que conta esta história, provavelmente descreve o que o lhe conheceu ao longo do caminho depois de ter encontrado um monge que lhe ensinou a oração de Jesus. É um caminho espiritual simples e seguro, como relata o seguinte testemunho:

*Há uns anos, passei três dias em retiro com dois queridos amigos. A maior parte do tempo observámos o silêncio, mas depois do jantar lemos uns para o outro a história do peregrino. Com nossa grande surpresa, esta opereta fascinante teve uma profunda influência sobre cada um de nós e ofereceu-nos uma nova e muito simples maneira de rezar, mesmo num mundo tão febril e inquieto. Ainda falamos daqueles dias como «os dias passados juntamente com o peregrino».*

O Peregrino, um agricultor russo, conta como ele andou de cidade em cidade, de uma igreja para outra, de monge a outro, para descobrir o caminho certo para «orar incessantemente» (1Ts 5,17). Ouviu inúmeros sermões e consultou em vão muitas pessoas, finalmente, encontrou um monge que, pela primeira vez, lhe ensinou a oração de Jesus, disse-lhe:

*Fica sentado sozinho em silêncio. Inclina a cabeça, fecha os olhos, respira devagar e imagina olhar-te dentro do teu próprio coração. Traz a tua mente, isto é, os teus pensamentos, da cabeça para coração. Enquanto respiras, reza assim: «Senhor Jesus, tende piedade de mim». Reza esta oração apenas mexendo os lábios, ou*

*só com a tua mente. Procura deixar de lado qualquer outro pensamento. Tenhas calma, sejas paciente e repete este processo muitas vezes.*

Depois de lhe ler estas linhas, aquele monge ordenou-lhe de repetir a mesma oração de Jesus, três mil vezes por dia, depois seis mil vezes, depois doze mil vezes e, por fim, quantas vezes ele quiser. O peregrino ficou encantado por ter encontrado finalmente um mestre e seguir as suas instruções com precisão.

Ele mesmo deixou o seguinte relato:

*«Sob este guia passei um verão inteiro a rezar incansavelmente, em voz alta, a Nosso Senhor Jesus Cristo e desfrutava de uma paz absoluta de espírito. Durante o dia, sempre que encontrasse alguém, todos, qualquer pessoa, sem exceção nenhuma, eram tão queridos para mim, como se fossem membros da minha família mais próxima. Eu só pensava na oração, a minha mente estava virada em escutá-la. Então, o meu coração começou, sozinho, a sentir uma espécie de calor e prazer».*

Após a morte do seu santo mestre, o agricultor foi errando de cidade em cidade, sempre repetindo a sua oração. A oração de Jesus, tinha-lhe infundido uma nova força para enfrentar todas as adversidades da sua vida peregrina e transformava cada dor em felicidade.

*«Às vezes chego a fazer 43 ou 44 milhas por dia e parece que não estou a caminhar. Fico consciente que estava a rezar a Oração. Quando a geada me perfurava, começava a rezar a Oração com mais fervor e imediatamente aquecia tudo. Quando a fome começava a atacar-me, pronunciava o nome de Jesus e esquecia-me da comida. Quando fico doente e tenho reumatismos nas costas e nas pernas, fixo os pensamentos na Oração, e já não sinto a dor. Se alguém me ofende, só em pensar quão doce é a oração de Jesus, a ofensa e a cólera desaparecem e esqueço tudo».*

No entanto, o peregrino não cultivava ilusões. Estava consciente de que, apesar de tudo, a sua oração ainda não se tornara ainda completamente oração do coração. O mestre lhe tinha dito que todas essas experiências faziam parte de um estado artificial, devido as rotinas. Para chegar à oração do coração, ele dizia, *«Eu estou à espera do momento de Deus».*

Depois de muitas tentativas de encontrar trabalho e um lugar onde ficar, decidiu ir ao túmulo de São Inocência de Iricutsk, na Sibéria.



*«Pensava eu que atravessando as florestas e as estepes da Sibéria, o silêncio se tornasse mais profundo e, portanto, mais adequado à oração e à leitura. Aventurei-me nesta viagem, recitando pela voz a Oração, sem nunca parar».*

Durante esta viagem, o peregrino experimentou pela primeira vez a oração do coração. Em palavras vivas, simples e claras, ele mesmo conta como aconteceu e como o levou a uma relação mais íntima com Jesus.

*«Depois de pouco tempo tive a impressão de que a Oração, por assim dizer, por si mesma, passava dos lábios ao coração. Gostaria de dizer que o coração, ao pulsar, tinha começado a dizer as palavras da Oração, em cada batimento. Parei de recitar a oração com os lábios. Presta simplesmente atenção ao que o meu coração dizia. Era como se os meus olhos o fixassem. A seguir, senti algo como uma dor no meu coração e um amor tão grande por Jesus nos meus pensamentos, que eu próprio imaginei, como seria bom vê-Lo, enquanto me atirava aos Seus pés, para Lhe impedir que se afastasse do meu abraço, beijando-Lhe os pés com ternura, agradecendo-lhe com lágrimas por ter permitido tudo isso, com o Seu amor e com a Sua graça, para mim indigna criatura e pecadora, por ter encontrado tão grande consolação no Seu Nome. Então, no meu coração veio um calor que invadiu todo o meu peito».*

A oração do coração proporciona ao peregrino uma imensa alegria e uma experiência indescritível da presença de Deus. Onde quer que ele vá e com quem ele fala, a partir desse momento, ele não pode trate-se de falar de Deus que habita dentro dele.

Embora ele não tente converter ninguém, nem mudar o comportamento dos outros, mas procure sempre o silêncio e a solidão, mesmo assim, percebe que todos aqueles que o encontram e escutam as suas palavras, respondem profundamente, redescobrimo a Deus na sua própria existência. Desta forma, o peregrino, continua o seu caminho confessando os seus pecados e constantemente implorando a misericórdia de Deus, reconhece a sua distância de Deus e, ao mesmo tempo, se encontra a viajar pelo mundo em Sua íntima companhia e convida aos outros a partilhá-la.

### *Com a mente no coração*

Agora chegou o momento de ultrapassarmos a encantadora história do camponês russo. Não podemos ficar apenas cativados pelo seu apelo romântico. A história do peregrino é apenas uma expressão daquela profunda corrente mística do hesicismo russo de XIX século. Poderíamos ficar bloqueados ou até confundidos.

A verdadeira profundidade e força desta corrente foi revelada no livro «A arte da oração» de Tomás Merton. Este livro, é uma antologia ortodoxa sobre a oração do coração, que contém excertos de escritores espirituais russos do século dezanove, em particular de Teófano o Recluso. Trata-se de um rico documentário da oração mística oriental, onde explica uma das formas mais concretas de chegar a Deus. Nela, Teófano o Recluso responde as perguntas de um dos muitos fieis que lhe pediam orientação:

*Recomendo-te apenas uma coisa: é preciso levar a mente ao coração, e aí permanecer diante da face do Senhor, sempre presente, que o vê integralmente. A oração adquire uma força firme e constante quando uma pequena chama começa a brilhar no coração. Tente não apagar este fogo, e ele consolidar-se-á de tal modo que a oração se repete; e então terá dentro de si um regato murmurante. (Arte da Oração, p.110)*

A essência da oração do coração é manter-se na presença de Deus com a mente no coração. Teófano exprime de forma muito sucinta que a oração do coração unifica a pessoa inteira e coloca-a sem reservas, mente no coração, na presença grandiosa e amorosa de Deus.

Se a oração fosse apenas um hábil exercício da nossa mente, ficaríamos rapidamente enalhados em debates estéreis e triviais da nossa mente. Se, por outro lado, a oração envolvesse apenas o coração, poderíamos convencer-nos bem depressa de que a oração é composta de bons sentimentos. Mas a oração do coração, no seu sentido mais profundo, une mente e coração na intimidade do amor divino. É desta oração que fala o peregrino, exprimindo, no seu estilo encantador e simples, a profunda sabedoria dos padres espirituais do seu tempo.

Na expressão «Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim» descobrimos um resumo poderoso de toda a oração. Com ele nos dirigimos diretamente a Jesus, Filho de Deus, que viveu, morreu e ressuscitou por nós; com ela, declaramos o Cristo, o Ungido, o Messias, aquele por

quem esperávamos; chamamos-Lhe Senhor, o Senhor de todo o nosso ser: corpo, mente e espírito, pensamento, emoções e ações; e professamos a nossa mais profunda relação com Ele pela confissão da nossa tendência para o pecado e numa humilde súplica, onde imploramos o seu perdão, misericórdia, compaixão, amor e ternura.

A oração do coração pode tornar-se uma forma de oração concreta para os cristãos que procuram o seu próprio caminho de oração que os conduza a uma relação íntima com Deus. Hoje, mais do que nunca, sentimo-nos como estrangeiros errantes num mundo em acelerada mudança. Mas não queremos fugir deste mundo, queremos fazer parte integrante dele, sem afogarmo-nos nas suas águas tempestuosas. Queremos ficar vigilantes e receptivos perante tudo o que acontece à nossa volta, mas sem ficarmos paralisados pela fragmentação interior. Queremos avançar de olhos abertos neste vale de lágrimas, sem perder o contato vital com Aquele que nos chama para uma nova terra. Queremos responder com compaixão a todos os que encontramos no nosso caminho e que solicitam um local hospitaleiro onde possam permanecer enquanto se mantem solidamente radicados no amor íntimo do nosso Deus. A oração do coração mostra-nos um caminho possível e é, de facto como um regato murmurante, que continua a fluir sob as inúmeras ondas de todos os dias, deixando-nos entrever a possibilidade de viver no mundo sem pertencer ao mundo e de nos aproximarmos do nosso Deus no centro do nosso recolhimento.

### *Em casa apesar de a caminho*

A oração do coração requer, em primeiro lugar, que façamos de Deus e nosso único pensamento. Isto significa afastar todas as distrações, ansiedades, preocupações, e encher a mente apenas de Deus. A oração de Jesus, ou qualquer outra forma de oração, destina-se a ajudar-nos a esvaziarmos gradualmente a nossa mente de tudo o que não é Deus, e oferecer-lhe a Ele e só a Ele todo o espaço. Mas isto não é tudo. A nossa oração tornar-se-á uma oração do coração quando localizarmos, no centro de nós mesmos, o espaço vazio ao qual a nossa mente, repleta de Deus, possa descer e desaparecer, onde as distinções entre pensar e sentir, saber e experimentar, ideias e emoções, nos transcendam e onde Deus se possa tornar nosso anfitrião.

«O Reino de Deus está entre vós» (Lc 17, 21), disse Jesus. A oração do coração leva estas palavras a sério. Quando esvaziamos a nossa mente

de todo o pensamento e o nosso coração de todas as experiências, podemos preparar, no centro mais íntimo do nosso ser, a casa para o Deus que quer morar em nós. Então poderemos dizer como S. Paulo: *«Já não sou eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim»* (Gl 2, 20). Então poderemos afirmar as palavras de Lutero: *«A graça é a experiência de ser libertado da experiência»*. E então perceberemos que não somos nós quem reza, mas o Espírito de Deus que reza em nós.

Um dos primeiros Padres da Igreja disse: *«Quando os ladrões se aproximam de uma casa para nela se infiltrarem e roubarem, e ouvem os passos de alguém que está a caminhar no seu interior, já não ousam entrar, do mesmo modo, quando os nossos inimigos tentam roubar-nos a alma e apoderar-se dela, movem-se devagar e silenciosamente em seu redor mas temem entrar quando percebem que [...] a oração brota dela»* (A arte da oração, p. 110).

Quando o nosso coração pertence a Deus, o mundo e os seus poderes não o conseguem roubar. Quando Deus se torna o Senhor do nosso coração, a nossa alienação fundamental é vencida e podemos rezar com o salmista: *«Tu plasmaste as entranhas do meu ser e formaste-me no seio de minha mãe. Dou-te graças por tão espantosas maravilhas; admiráveis são as tuas obras»* (Sl 138, 13.14)

Desde que Deus se torna o nosso pastor, o nosso refúgio, a nossa fortaleza, então podemos aproximarmo-nos Dele no meio de um mundo fragmentário, e sentirmo-nos em casa, apesar de estarmos ainda a caminho. Quando Deus habita em nós, podemos entrar num diálogo sem palavras com Ele, embora ainda aguardamos o dia em que Ele nos conduzirá à casa onde preparou um lugar para nós (João 14, 2). Então, estão à espera, apesar de já termos chegado, e pedir, apesar de já termos já recebido. Então, sim, podemos confortar-nos uns aos outros com as palavras de Paulo:

*«Não vos deixeis inquietar por nada; pelo contrário: em todas as necessidades, apresentai os vossos pedidos, com súplicas a Deus em ações de graças. Então, a paz de Deus, que ultrapassa toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus»*. (Fil 4, 6-7)

## CAPITULO IX

# COMUNIDADE E ORAÇÃO

### *Tabor e Getsémani*

O movimento da ilusão para a oração requer um afastamento gradual de todos os laços falsos e uma rendição crescente àquele de quem provêm todas as coisas boas. E preciso ter a coragem de afastarmo-nos do lugar certo e seguro para o incerto e desconhecido. Mesmo sabendo que o refúgio seguro nos oferece uma falsa segurança e o desconhecido nos promete uma intimidade salvadora com Deus, não é fácil pôr-se a caminho. Temos perfeita consciência de que desistir do que nos é familiar e lançarmo-nos de braços abertos em direção a Ele, que transcende toda a nossa compreensão e tudo a que estamos ligados, nos torna vulneráveis. De fato, sabemos que, as nossas ilusões não podem levar-nos a uma vida plena, só existe um caminho, o da rendição incondicional, do amor que conduz à cruz. O caminho de Jesus é caminho do amor, mas, também, o do sofrimento e da cruz.

Ele disse a Pedro: *«Em verdade, em verdade te digo; quando eras mais novo, tu mesmo atavas o cinto e ias para onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos e outro te há-de atar e cingir e te levar para onde não queres»* (Jo 21, 18).

É sinal de maturidade espiritual a capacidade de abdicar do nosso autocontrole ilusório e confiar tudo nas mãos de Deus. Mas, cairíamos numa outra ilusão se acreditássemos que o estender as nossas mãos para Deus, isto nos libertaria da dor e do sofrimento. De facto, a maior parte das vezes, conduzir-nos-á para onde não queremos ir e que se não irmos lá, não descobriremos a nossa verdadeira vida: *«Quem perder a sua vida.., há-de encontrá-la»* (Mt 16,25), diz Jesus, lembrando-nos que o amor é purificado no sofrimento.

Por conseguinte, a oração está longe de ser doce e fácil. Sendo a expressão do amor mais sublime, não afasta de nós a dor, mas faz-nos sofrer ainda mais, já que o nosso amor por Deus é um amor por um Deus sofredor e a nossa entrada na intimidade de Deus é uma entrada numa intimidade onde todo o sofrimento humano é cingido pela divina compaixão. Na medida em que a nossa oração se tornar oração do coração, amaremos mais e sofreremos mais, veremos mais luz e mais

escuridão, mais graça e mais pecado, mais de Deus e mais humanidade. Na medida em que descemos na profundidade do nosso coração e aí penetrarmos em Deus, tanto mais a solidão falará à solidão, o abismo ao abismo e o coração ao coração. Lá nessa profundidade o amor e a dor se fundem.

Em duas ocasiões Jesus convidou os seus melhores amigos, Pedro, João e Tiago, para partilhar a sua oração mais íntima. A primeira vez, levou-os ao cimo do monte Tabor, e aí eles viram o Seu rosto resplandecendo como o Sol e as Suas vestes brancas como a luz (Mt 17, 12). A segunda vez, levou-os ao jardim do Getsémani, e aí eles viram o Seu rosto angustiado e o Seu suor caindo no chão como grossas gotas de sangue (Lc 22, 44). A oração do coração conduz-nos tanto ao Tabor como ao Getsémani. Depois de vermos a glória do nosso Deus veremos também a Sua angústia, e, depois de sentirmos a fealdade da sua humilhação, também, sentiremos a beleza da sua transfiguração.

Os Hesicastas sempre tiveram uma profunda consciência destes dois inseparáveis aspectos da oração. Enquanto geralmente ressaltam o desapego na oração, não hesitam em comparar a elevação da oração com a iluminação de Moisés no Monte Sinai e com a transfiguração de Jesus no monte Tabor. Teófilo o Recluso, escreve:

*Aquele que se arrependeu viaja em direção ao Senhor. O caminho para Deus é uma caminhada interior, consumada no espírito e no coração. Por isso é necessário harmonizar os pensamentos da mente e a disposição do coração com o facto de que o espírito do homem estará sempre com o Senhor, como se se unisse com Ele. Quem assim se sintoniza fica constantemente iluminado por uma luz interior e recebe em si os raios de uma radiação espiritual [ ... ] como Moisés, cujo rosto foi glorificado no Monte porque ele estava iluminado por Deus.*

Esperar com paciência é o fundamento da vida espiritual, mas sabemos que esta espera é repleta de alegria, uma vez que na oração já saboreamos a glória Daquele por quem esperamos.

### *A comunidade de fé*

O que até agora dissemos pode dar a falsa impressão de que a oração seja um assunto privado, individualista e quase secreto, algo de profundo e tão pessoal, quase oculto da nossa vida interior que mal se

pode falar dele, muito menos partilhá-lo. A verdade é precisamente o contrário. Justamente porque a oração é uma experiência pessoal que brota do centro do nosso ser, pode ser partilhada. Justamente porque a oração é a mais preciosa expressão do ser humano, da sua união com Deus, precisa do apoio e da proteção constantes da comunidade, sem isso, não pode crescer e frutificar. Justamente porque a oração é a nossa maior vocação, necessita de uma cuidadosa atenção, precisa do apoio da comunidade, não podemos permitir que se torne um assunto privado. Justamente porque a oração é uma espera paciente, não pode ser uma espera individualista, precisa do apoio da comunidade. A espera da comunidade encoraja e sustem a espera de casa fiel. A fé nunca é individualista, mas este sempre implantada na vida da comunidade a que pertencemos.

A oração, como uma espera esperançosa e alegre por Deus, é de facto uma tarefa inumana ou super-humana, a menos que percebamos que não precisamos de esperar sós. Na comunidade de fé encontramos o clima e o apoio para sustentar e aprofundar a nossa oração e capacitamo-nos para procurar constantemente para além das nossas necessidades imediatas e muitas vezes mesquinhas.

A comunidade de fé oferece as fronteiras protetoras, dentro das quais podemos escutar os nossos anseios mais profundos, não para nos satisfazermos numa introspecção mórbida, mas para descobrirmos o nosso Deus para quem eles apontam. Na comunidade de fé podemos escutar os nossos sentimentos de solidão, os nossos desejos de um abraço ou de um beijo, os nossos impulsos sexuais, as nossas necessidades de compreensão, de compaixão ou apenas de uma boa palavra e também a nossa busca de discernimento e a nossa esperança de compaixão e amizade. Na comunidade de fé podemos escutar todos estes anelos e encontrar a coragem, não para os evitar ou ocultar, mas para os confrontar, de modo a discernir a presença de Deus no meio deles. Aí, podemos ajudar-nos uns aos outros na nossa espera solitária e também na percepção de que, no centro da nossa espera, se encontra a intimidade primordial com Deus. Aí, podemos ficar pacientemente juntos e deixar que o sofrimento de cada dia transforme as nossas ilusões na oração de um povo contrito. A comunidade de fé é, na realidade, o meio e a fonte de toda a oração.

*Um povo talhado por Deus*

A palavra «comunidade» refere-se geralmente a uma forma de estar juntos que nos dá a sensação de pertença. Os estudantes queixam-se muitas vezes que não sentem muita comunidade na sua escola; os pastores e presbíteros interrogam-se sobre como criar uma comunidade melhor nas suas paróquias; e os trabalhadores de ação social, esmagados pelas influências alienantes da vida moderna, tentam arduamente criar comunidades nos bairros onde trabalham. Em todas estas situações a palavra «comunidade» aponta para uma forma de proximidade, na qual as pessoas se podem sentir uma parte importante de um grupo mais vasto.

Embora possamos dizer o mesmo da comunidade cristã, é importante lembrar que a comunidade cristã é uma comunidade de esperas ou seja, uma comunidade que não só cria uma sensação de pertença, mas também uma sensação de indiferença. Na comunidade cristã dizemos uns aos outros: «Estamos juntos, mas não podemos satisfazer-nos uns aos outros... ajudamo-nos, mas também temos que lembrar uns aos outros que o nosso destino está para além da nossa proximidade». O apoio da comunidade cristã é um apoio numa expectativa comum, o que exige um discernimento constante, nela encontramos um abrigo confortável e um lugar acolhedor, um encorajamento constante em esperar o que está para vir.

A base da comunidade cristã, não são os laços familiares, ou o nível económico ou social, ou uma opressão ou queixa comum, ou uma atração mútua... mas o chamamento divino. A comunidade cristã não é resultado de esforços humanos. Deus fez-nos o seu povo chamando-nos do «Egito» para a «Nova Terra», do deserto para a terra fértil, da escravidão para a liberdade, do nosso pecado para a salvação, do cativeiro para a liberdade. Todas estas palavras e imagens exprimem o facto de que a iniciativa pertence a Deus e que Ele é a fonte da nossa nova vida comum. Através da nossa chamada à Nova Jerusalém, reconhecemo-nos uns aos outros na caminhada como irmãos e irmãs. Por conseguinte, como povo de Deus, somos chamados *ekklesia* (do grego *kalea* = chamada; e *ek* = para fora), a chamada da comunidade do velho mundo para o novo.

Já que o nosso desejo de quebrar as cadeias da nossa alienação é hoje em dia muito forte, reveste-se de especial importância que recordemos uns aos outros que, como membros da comunidade cristã, não estamos destinados em primeiro lugar uns aos outros, mas para Deus. Os nossos



olhos não deveriam fixar-se uns nos outros, mas dirigirem-se para a frente, para o que se delineia no horizonte da nossa existência. Descobrimo-nos mutuamente seguindo a mesma vocação e apoiando-nos uns aos outros na mesma busca. Por conseguinte, a comunidade cristã não é um círculo fechado de pessoas que se abraçam, mas um grupo de companheiros que caminha em frente, unido pela mesma voz que requer a sua atenção.

E muito compreensível que, nas nossas imensas e anónimas cidades, procuremos pessoas na «mesma onda» para formar pequenas comunidades. Grupos de oração, grupos de estudos bíblicos e igrejas domésticas são maneiras de restaurar ou aprofundar a nossa consciência de pertença ao povo de Deus. Mas, por vezes, um falso tipo de pseudo-disposição de espírito pode estreitar o nosso sentido comunitário. Devemos ter a mente de Jesus Cristo, mas nem todos temos de pensar como um professor, um carpinteiro, o diretor de um banco, um congressista ou qualquer outro tipo de grupo socioeconómico ou político. Existe uma grande sabedoria escondida na torre sineira que convocava o povo, proveniente de ambientes vários, a sair de casa e formar um só corpo em Jesus Cristo. E precisamente na transcendência das muitas diferenças individuais que podemos tornar-nos testemunhas de Deus, que permite que a sua luz brilhe do mesmo modo sobre o pobre e o rico, o saudável e o doente. Mas é também neste encontro na caminhada para Deus que nos apercebemos das necessidades do nosso próximo e começamos a curar as feridas uns dos outros.

Durante estes últimos anos fiz parte de um pequeno grupo de estudantes que celebravam regularmente a Eucaristia juntos. Sentíamos-nos muito bem na companhia uns dos outros e tínhamos descoberto «o nosso próprio caminho». As canções que entoávamos, as palavras que utilizávamos, as saudações que trocávamos pareciam todas bastante naturais e espontâneas. Mas, quando alguns estudantes novos se nos reuniram, descobrimos que esperávamos que eles seguissem o nosso caminho e fizessem «como nós costumamos fazer». Tivemos que nos confrontar com o facto de nos termos tornado num clã, substituindo o espírito de Jesus Cristo pelo nosso. Então, descobrimos como é difícil abandonar hábitos familiares e criar espaço para os desconhecidos, para tornar possível uma nova oração em comum.

A Igreja é chamada, e não sem razão, uma «Igreja peregrina», sempre em andamento. A tentação de se instalar num oásis confortável tem,

todavia, sido demasiado forte para que se lhe possa resistir e o chamamento divino é esquecido com frequência e a unidade quebrada. Nessas alturas, não só os indivíduos, mas grupos inteiros são apanhados na ilusão da segurança e a oração murcha como uma flor sem vida.

Isto explica por que é que as ideias, os conceitos e técnicas desenvolvidas e usadas nos grupos contemporâneos, não podem ser transpostas para a comunidade cristã sem serem bem avaliadas. Quando descrevemos a comunidade cristã ideal como uma «família feliz» ou como «um grupo de pessoas muito sensíveis» ou um «grupo de ação ou pressão», falamos apenas de um traço secundário e muitas vezes temporário. Embora possa ser útil incorporar na vida da comunidade cristã padrões de comportamento e técnicas que retirámos de outros grupos de vida diferente, teremos que relativizar estas tentativas, tornando-as subservientes ao nosso entendimento da comunidade cristã como um povo moldado por Deus. Muitos processos interpessoais, padrões de liderança e estratégias que foram identificadas por estudos psicológicos e sociológicos, podem de facto oferecer novos discernimentos à compreensão da vida da comunidade cristã. Mas a natureza singular da comunidade cristã requer uma consciencialização permanente da aplicabilidade limitada de tais descobertas. Enquanto vivemos entre a primeira e a segunda vindas do Senhor, a comunidade cristã descobre o seu sentido numa espera paciente e expectante do tempo em que Deus será tudo em todos. A comunidade de fé aponta sempre para além de si mesma e fala a sua linguagem própria, que é a linguagem da oração.

### *A linguagem da comunidade*

A oração é a linguagem da comunidade cristã. Na oração, a natureza da comunidade torna-se visível, porque na oração dirigimo-nos àquele que forma a comunidade. Não rezamos uns para os outros, mas oramos juntos a Deus que nos chama a formar um povo novo. Rezar não é uma das muitas coisas que a comunidade faz. É mais propriamente o seu princípio. Muitas discussões sobre a oração não levam isto em conta. Por vezes parece que a comunidade cristã anda «tão ocupada» com os seus projetos e planos que não há nem tempo nem disposição para rezar. Mas, quando a oração deixa de ser a sua preocupação principal e quando as suas inúmeras atividades deixam de ser encaradas como parte da

própria oração, a comunidade degenera rapidamente num clube com uma causa comum, mas não com uma vocação comum.

Pela oração, a comunidade é não só criada como expressa. A oração é antes do mais a realização da presença de Deus no meio do seu povo e, por conseguinte, a realização da própria comunidade. O mais notório e perceptível são as palavras, os gestos e o silêncio, através dos quais se forma a comunidade. Quando escutamos a Palavra, não recebemos apenas critérios sobre o trabalho salvífico de Deus, mas experimentamos também um laço mútuo. Quando nos colocamos em volta do altar, comemos o pão e bebemos o vinho, nos ajoelhamos em meditação ou caminhamos em procissão, não só recordamos a intervenção de Deus na história da humanidade, mas tornamo-nos também conscientes da sua presença criativa aqui e agora. Quando ficamos sentados juntos, numa oração silenciosa, criamos um espaço onde sentimos que aquele por quem esperamos já nos toca, como tocou Elias de pé em frente da caverna (cf. 1Reis 19, 13).

Mas as mesmas palavras, gestos e silêncios são igualmente modos através dos quais a comunidade se aproxima daquele que aguarda. As palavras que empregamos são as palavras de quem deseja ardentemente. O pequeno pedaço de pão que comemos e a pequena porção de vinho que bebemos tornam-nos conscientes da nossa sede e da nossa fome profundas, e o silêncio aprofunda a nossa sensibilidade à voz vocativa de Deus. Por conseguinte, a oração da comunidade é também a expressão da sua insatisfação e desejo de chegar à casa de Deus. Assim, a comunidade orante celebra a presença de Deus enquanto espera, e afirma a sua ausência enquanto reconhece que Ele já está no meio de nós. Assim a presença de Deus torna-se num sinal de esperança e a sua ausência numa chamada à penitência.

A oração como linguagem da comunidade é como a nossa língua materna. Tal como uma criança aprende a falar com os seus pais, irmãos, irmãs e amigos, e, no entanto, desenvolve uma forma única de se exprimir, do mesmo modo a nossa vida individual de oração se desenvolve pela solicitude da comunidade orante. Por vezes é difícil indicar alguma estrutura organizada específica a que possamos chamar a «nossa comunidade». A nossa comunidade é muitas vezes uma realidade intangível, composta por pessoas, tanto vivas quanto mortas, tanto presentes quanto ausentes, tanto próximas quanto distantes, tanto velhas quanto novas. Mas sem alguma espécie de comunidade a oração

individual não pode nem nascer nem desenvolver-se. A oração comunitária e individual pertence uma à outra como duas mãos entrelaçadas. Sem comunidade, a oração individual degenera facilmente num *comportamento egocêntrico e excêntrico*, mas sem a oração individual a oração da comunidade torna-se rapidamente numa rotina sem sentido. A oração individual e a oração comunitária não podem ser separadas sem prejuízo. Isto explica por que é que os guias espirituais tendem a ser muito críticos em relação àqueles que pretendem isolar-se e sublinham a importância de laços contínuos com a comunidade mais alargada, onde a oração individual pode ser guiada. Isto explica ainda o porquê os mesmos guias encorajarem sempre o membro individual das suas comunidades a passar tempo e a gastar energia na oração individual, percebendo, enquanto o faz, que só a comunidade nunca poderá preencher o desejo da mais única e íntima relação entre o ser humano e o seu Deus.

#### *Até ao último dia*

A oração do nosso coração pode fortalecer-se e aprofundar-se dentro das fronteiras da comunidade de fé. A comunidade de fé, fortalecida em amor pelas nossas orações individuais, pode erguê-las como um sinal de esperança, em exaltação comum e acção de graças. Juntos buscamos Deus para além das nossas inúmeras limitações, enquanto oferecemos uns aos outros o espaço para a nossa busca mais pessoal. Podemos ser pessoas muito diferentes, de nacionalidades diferentes, raças, histórias, caracteres e aspirações diferentes, mas Deus chamou-nos a todos para longe das trevas das nossas ilusões, para a Luz da sua glória. Este chamamento comum transforma o nosso mundo no local onde o Getsémani e o Tabor podem existir juntos, o nosso tempo em tempo de espera paciente, mas alegre pelo último dia, e nós em irmãos e irmãs de cada um dos outros. São Paulo encoraja-nos a sermos fiéis a este chamamento comum ao escrever:

*Vós próprios sabeis perfeitamente que o dia do Senhor chega de noite como um ladrão. Mas vós, irmãos, não estais nas trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão. Na verdade, vós sois filhos da luz e filhos do dia. Não somos nem da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios. Sejamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé e da caridade e com o elmo da esperança da salvação. De facto,*

*Deus não nos destinou à ira, mas à posse da salvação por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, a fim de que, quer durmamos quer estejamos vigilantes, com Ele vivamos unidos. Consolai-vos, pois uns aos outros, e edificai-vos reciprocamente» (1Tess 5,2.4-6.8-11).*

Quando nos aproximamos de Deus, individual e também comunitariamente, lutando constantemente contra as ilusões que nos mantêm cativos, podemos entrar em união íntima com Ele, enquanto aguardamos o dia da sua última vinda. Então as palavras da canção do velho peregrino tornam-se nas nossas palavras:

Levanto os olhos para os montes:

de onde me virá o auxílio?

O meu auxílio vem do Senhor

que fez o céu e a terra.

Ele não deixará que vacilem os teus pés;

aquele que te guarda, não dormirá...

Pois não há-de dormir nem dormirar,

aquele que guarda Israel.

O Senhor é quem te guarda e está a teu lado.

Ele é a tua proteção.

O Sol não te fará mal durante o dia,

nem a Lua, durante a noite.

O Senhor protege-te de todo o mal

e vela pela tua vida.

O Senhor protege-te nas tuas idas e vindas,

agora e para sempre.

*(Salmo 121)*

### *Conclusão*

Na noite, antes da sua morte, Jesus disse aos seus apóstolos: *Ainda um pouco, e deixareis de me ver, e um pouco mais, e por fim me vereis. Em*

*verdade, em verdade vos digo: haveis de chorar e lamentar-vos, ao passo que o mundo há-de gozar. Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há-de converter-se em alegria! Vós vos sentis agora tristes, mas eu hei-de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há-de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria. (Jo 16, 20.22)*

Vivemos neste pouco tempo, um tempo, de facto, cheio de tristeza e pesar. Viver este pouco tempo no espírito de Jesus Cristo significa aproximarmo-nos no meio do nosso sofrimento e deixá-lo ser consumido em alegria pelo amor dele, que se pôs ao nosso alcance. Não temos que negar ou evitar a nossa solidão, as nossas hostilidades ou as nossas ilusões. Pelo contrário: quando tivermos a coragem de permitir que estas realidades mereçam toda a nossa atenção, as compreendermos e confessarmos, elas podem transformar-se lentamente em recolhimento, hospitalidade e oração. Isto não implica que uma vida espiritual madura seja uma vida em que o nosso velho e hostil eu com todas as suas ilusões, desapareça sem mais nem menos e vivamos em completa serenidade com um espírito tranquilo e um coração puro. Tal como a nossa idade adulta mostra as marcas das lutas da nossa juventude, assim o nosso recolhimento carrega os sinais de horas solitárias, a nossa solicitude pelos outros reflete por vezes sentimentos de revolta e a nossa oração revela por vezes a recordação e a presença de muitas ilusões. Todavia, transformados no amor, estes sinais de sofrimento tornam-se em sinais de esperança, tal como as feridas de Jesus perante o incrédulo Tomé.

Depois de Deus nos ter tocado no meio das nossas lutas e ter criado em nós o desejo ardente de estarmos unidos com Ele para sempre, encontraremos a coragem e a confiança para preparar o Seu caminho e convidar todos os que partilham a nossa vida a esperar conosco durante este pouco tempo pelo dia da alegria total. Com esta nova coragem e nova força podemos fortalecer-nos uns aos outros com as palavras cheias de esperança que Paulo a Tito:

*Com efeito, manifestou-se a graça de Deus, portadora de salvação para todos os homens, para nos ensinar a renúncia à impiedade e aos desejos mundanos, a fim de vivermos no século presente com sobriedade, justiça e piedade, aguardando a bem-aventurada esperança e a gloriosa manifestação do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo (Tito 2, 11-13).*